

MULHERES NEGRAS PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS E SUAS TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Luyanne Catarina Lourenço de Azevedo

Secretaria Municipal do Rio de Janeiro – SME/RJ
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG
luyanne.azevedo@gmail.com

Ana Claudia Ramos Sacramento

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Faculdade de Formação de Professores – UERJ/FFP
Professora associada – departamento de Geografia
anaclaudia.sacramento@hotmail.com

RESUMO

As desigualdades socioespaciais, étnico-raciais e de gênero estão presentes na sociedade brasileira e nos seus mais diversos espaços. A universidade pública brasileira configura-se como um destes espaços onde há inúmeras presenças-e-ausências. Este artigo traz as reflexões do que é ser mulher negra e professora universitária a partir das perspectivas e falas de Ella, Filomena, Maria e Sol - quatro professoras negras que lecionam o ensino de Geografia em universidades públicas brasileiras. Assim, por meio das metodologias da história de vida e da interseccionalidade foi possível escutar as narrativas das professoras, bem como, compreender suas trajetórias socioespaciais e caminhos até a docência universitária.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Histórias de Vida. Interseccionalidade. Mulher Negra.

BLACK WOMEN UNIVERSITY TEACHERS AND THEIR SOCIO-SPATIAL TRAJECTORIES IN GEOGRAPHY TEACHING TITLE

ABSTRACT

Socio-spatial, ethnic-racial and gender inequalities are present in Brazilian society, in the most diverse spaces. The Brazilian public university is one of these spaces where these inequalities can be found. This research seeks to bring the reflection of what it is to be a black woman and an university professor from the perspectives and speeches of four black women professors who teach geography at Brazilian public universities: Ella, Filomena, Sol e Maria. Thus, through the methodologies of life story and interseccionality, it was possible to listen to the teachers narratives, as well as to understand their socio-spatial trajectories and paths to university teaching.

Keywords: Geography Teaching. Life stories. Intersectionality. Black women.

INTRODUÇÃO: A VIDA

A Vida, na norma culta da língua portuguesa, é um substantivo feminino abstrato. Pedimos licença à linguística e a quem se dedica a estudá-la, aqui iremos transgredir a norma, pois, entendemos, a partir de subjetividades próprias, que a Vida é concreta, única e valiosa. Assim, aqui neste artigo, a palavra será encarada/analizada enquanto substantivo próprio – no sentido de particularizar e pertencer a cada um - e escrita com “V” maiúsculo, porque a concepção do fazer pesquisas não cabe apenas no método, metodologia, estado da arte... Também se manifesta pelo que Chico César (2015) chama de Viver em estado de poesia.

O artigo, fruto da dissertação intitulada “Trajetórias socioespaciais de professoras negras do ensino de geografia das universidades públicas brasileiras”, foi pensado a partir de muitas perguntas, às

vezes, pelo “como” – algo um pouco estranho para geógrafas, visto que muitas perguntas para nós começam pelo “onde”... Começar as inquietações com a palavra “como” foi um dos aspectos sudeadores deste trabalho: “Como perguntar? Como fazer? Como falar com as professoras, não sobre elas? Como?”.

Como fazer um trabalho que não caia em armadilhas, que não tenha um olhar colonizador? (MOHANTY, 2008). Não há uma resposta pronta, e sim a compreensão de que esta é uma tentativa, pois somos seres em constante e eterna evolução, crescimento e aprendizado. Pés no chão, ouvidos abertos e humildade. Já estas histórias, são das mulheres que dão Vida a esta pesquisa, e apropriar-se delas seria desonesto.

Desta maneira, foi importante, durante a pesquisa, entender o local de escuta e de fala enquanto mulher branca. Porém, leituras como “O que é lugar de fala?” de Ribeiro (2017), “Becos da Memória” de Evaristo (2017) – entre outras obras escritas por mulheres negras – foram fundamentais para o surgimento de algumas inquietações, assim como, a aparente compreensão de que estas histórias pertencem às mulheres que também dão Vida à pesquisa, e que, por mais que seja possível ser sensível às suas histórias de vida e narrativas, estas vivências pertencem somente a elas.

É importante ressaltar, que o debate sobre lugar de fala, antes de ser realizado por Ribeiro (2017), já era amplamente discutido por Ramos (1995). O autor dialoga sobre a importância de serem assumidos lugares negros de fala, face à desvalorização e subalternização da população negra, epistêmica, cultural e socialmente, dentro da sociedade brasileira. Este autor afirma ainda que o problema do negro dentro das ciências sociais brasileiras, na verdade, também é um problema do branco, trazendo há mais de vinte anos a importância de brancas e brancos debaterem e estudarem a branquitude.

A partir destas reflexões, foi fundamental entender o local de escuta e a centralidade das narrativas e trajetórias socioespaciais de Ella, Filomena, Maria e Sol, quatro professoras negras de Geografia de quatro universidades brasileiras. A pesquisa é realizada com elas, a partir de suas escritas de si, suas diversas histórias, vivências e experiências. Mulheres, Vidas e trajetórias são únicas. Encontram-se nos pontos em comum, divergem em outros. Assim, não há a pretensão de se fazer análises de suas falas e escritas de si, prezando por trazer os trechos de suas entrevistas na íntegra.

Assim, a partir de suas narrativas, de suas trajetórias socioespaciais, de seus universos, da escala de suas particularidades, tentaremos apreender fenômenos que acontecem em maiores escalas. Um dos conceitos fundamentais é o de trajetórias socioespaciais - materialização espacial de experiências vividas a partir do corpo e da corporeidade, ou seja, da espacialização de escrevivências (EVARISTO, 2017) por meio de corpos-grafias. As trajetórias individuais se encontram à medida que o racismo e machismo atuam de forma marcante, influenciando nas experiências de indivíduos e indivíduos na sociedade – mesmo que suas trajetórias socioespaciais não sejam similares ao todo.

Há paralelos entre o conceito de trajetórias socioespaciais e o de lugar, pois acreditamos que para apreendê-las é necessário atentar-se aos lugares e experiências pelas quais as pessoas perpassam, unindo vivências que se desenrolam espacialmente no mesmo lugar e no mesmo conjunto de possibilidades.

O lugar é constituído principalmente pelo cotidiano, dando sentido e “corpo” ao lugar, entrelaçando as relações entre grupos sociais e o espaço. É formado por contextos sociais, históricos e espaciais, permitindo a condição estrutural. Outra perspectiva é do lugar “no plano do indivíduo, e que mesmo que exista uma coesão entre este e o grupo, que por meio de seus sentidos e/ou de suas representações simbólicas o “constroem”.” (CIRQUEIRA, 2008, p. 17).

Dessa maneira, o artigo objetiva trazer alguns aspectos das trajetórias dessas mulheres que dão Vida ao trabalho, a partir de suas concepções do que é ser mulher negra e professora universitária. Assim, a escolha da interseccionalidade e da história de vida foram metodologias-estratégias escolhidas para não cair no mito da universalidade das mulheres negras.

Aqui as metodologias confluem e se entrelaçam como rios, sendo pensadas de forma indissociável, pois é esta a reflexão que o conceito de interseccionalidade (CRENSHAW, 1989). A inseparabilidade de gênero e raça ao escutar e tentar compreender as trajetórias de mulheres negras. São histórias de Vidas interseccionadas por caminhos que se entrecruzam o tempo todo: ser mulher negra, professora, universitária – cada uma com suas particularidades e singularidades de serem mulheres únicas.

Já a história de vida, para além de uma técnica para apreender histórias, constitui-se numa metodologia de se fazer e pensar a pesquisa, trazendo à pesquisadora ou pesquisador a atenção aos detalhes, pausas, entonações, silêncios. Não se trata de uma simples coleta de histórias, a história de vida acessa por meio das experiências individuais, fenômenos que se repetem no coletivo, mas sem deixar de se atentar às particularidades de cada pessoa, relacionando-se, assim, com a *teoria do ponto de vista feminista*, de Collins (1997).

A partir de suas narrativas, de seus universos, da escala de suas particularidades, tentaremos compreender fenômenos que acontecem na escala do coletivo, tentando pensar o papel do gênero e da raça nas trajetórias das docentes dentro do espaço acadêmico.

O artigo divide-se em cinco partes: (1) “Ella, Filomena, Maria e Sol: Mulheres negras que deram Vida à pesquisa”, trazendo uma breve apresentação das professoras; (2) “Encontros e caminhos: As metodologias da interseccionalidade e história de vida”, apresentando as metodologias escolhidas para escutar as narrativas de Ella, Filomena, Maria e Sol; (3) “Caminhos, percursos e encruzilhadas: Trajetórias Socioespaciais”, discutindo os principais conceitos utilizados: Espaço, Gênero, Raça, Trajetórias Socioespaciais; (4) Corpos-grafias: Mulheres negras no magistério: trazendo, a partir das narrativas das professoras, discussões acerca da corporeidade e da inserção de mulheres negras na docência em universidades públicas brasileiras; e por último, a não-conclusão, intitulada “Caminhos”.

Ella, Filomena, Maria e Sol: Mulheres negras que deram Vida à pesquisa

A Vida não é linear e, por mais que mentalmente sejam feitas estas separações, no final das contas, não há separação entre as “áreas” da Vida. Também não há separação entre as trajetórias percorridas pelas memórias, onde uma pergunta pode desencadear lembranças que a princípio parecem não ter relação com o que foi perguntado - mas no fim tudo está relacionado. Assim, memória e as lembranças recontam as percepções que hoje temos sobre o nosso Ser.

Ella é professora do departamento de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Itapuranga e atua na área da Geografia Humana, com ênfase em ensino de Geografia e diversidade, relacionando gênero, relações étnicorraciais, formação de professores e ensino de geografia. A escolha de seu nome se deu em homenagem à cantora de Jazz Ella Fitzgerald: “Pode ser Ella, da Fitzgerald, que eu gosto muito da Ella [risos]” (ELLA, em entrevista, 2019).

Filomena leciona no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores. Atua na área de Ensino de Geografia com ênfase em Educação Geográfica, formação de professores, currículo, didática de geografia, ensino de geografia, ensino da cidade de São Gonçalo. Escolheu homenagear sua avó. “Vou escolher o nome da minha avó, Filomena, porque ela foi uma mulher que na sua época transgrediu a sociedade por ficar com um homem negro” (FILOMENA, em entrevista, 2018).

Maria é professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Tocantins, Campus Porto Nacional e atua na área de ensino de geografia, educação ambiental, meio ambiente, representações e território. A professora também homenageou uma pessoa de sua família ao escolher seu nome fictício: sua mãe. O processo de escolha também se deu por conta da música “Maria Maria”, de Milton Nascimento, pois:

Sou apaixonada na música do Milton Nascimento que fala sobre Maria, né? Maria, Maria um dom, uma certa magia. E a letra em si tem uma história, eu gosto muito, minha mãe se chama Maria e lutou para criar cinco filhos sozinha após a morte do meu pai, então eu optei por esse nome Maria. (MARIA, em entrevista, 2019)

Sol leciona no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa – Campus Viçosa. A professora atua na área de formação de professores, sala de aula, linguagens no ensino de geografia, grafias e leituras negras, história da geografia escolar, livros escolares. A escolha de seu nome foi por causa da nossa estrela maior, o Sol: “Pode ser Sol. Não ligo para o brilho, mas o calor que me aquece. Não vivo sem Sol.” (SOL, em entrevista, 2019).

Cada professora escolheu, ao seu modo, um nome fictício para participar deste trabalho. Para tentar compreender suas trajetórias socioespaciais e de Vida, foram escolhidas a história de vida e a

interseccionalidade como metodologias de análise.

ENCONTROS E CAMINHOS: AS METODOLOGIAS DA INTERSECCIONALIDADE E HISTÓRIA DE VIDA

As metodologias podem ser pensadas como se fossem rios: caminhos que correm e podem ser sinuosos ou retilíneos, perenes ou cheios, calmos ou profundos, e que podem também achar outros rios, encontrando em sua foz um mar de possibilidades. Assim são as narrativas: histórias que seguem seus cursos, correm, confluem, deságuam – revelam em seu curso segredos, memórias e encantos a cada rolar de pedra, em cada curva.

O entrecruzamento de trajetória de Vida pessoal, percursos formativos e profissionais, deslocamentos e trajetórias socioespaciais tecem as narrativas de si. As pessoas e seus corpos não poderiam estar escrevendo e inscrevendo, diariamente no espaço, suas múltiplas vivências ou suas escrevivências (EVARISTO, 2017) espaciais?

Para escutar as narrativas de Ella, Filomena, Maria e Sol foram escolhidas como metodologias a história de vida e a interseccionalidade, trazidas nesse artigo como ferramenta teórico-metodológica para se pensar as encruzilhadas onde convergem a análise espacial e as relações de gênero e raça.

Eu argumento que mulheres negras são ora excluídas da teoria feminista, ora do discurso político antirracista, porque ambos são baseados em discretos conjuntos de experiências nas quais, frequentemente, não refletem com precisão acerca da interação de raça e gênero. Esses problemas de exclusão não podem ser resolvidos simplesmente pela inclusão de mulheres negras dentro de uma já estabelecida estrutura analítica. Porque a experiência interseccional é maior do que a soma de racismo e sexismo, qualquer análise que não leve em conta a interseccionalidade não pode abordar suficientemente a maneira particular em que mulheres negras são subordinadas. (CRENSHAW, 1989, p. 140, tradução livre)

Vale ressaltar que a articulação gênero e raça precede ao conceito de interseccionalidade¹, cunhado por Crenshaw (1989). Autoras como a brasileira González no artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1984) e norte-americana Davis, no livro “Mulheres, raça e classe” (2016) destacam-se como algumas das precursoras neste debate.

Dessa maneira, a interseccionalidade é descrita por Akotirene (2018) como sensibilidade analítica pensada por feministas negras, nas quais suas experiências e reivindicações intelectuais não eram pautas tanto do feminismo branco quanto do movimento antirracista. Vale pensar que nem todas as mulheres negras são feministas, e nem o feminismo interseccional é sinônimo de feminismo negro.

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça, classe - modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2018, p. 14)

Considera-se aqui, que, a partir das interseccionalidades, podem ser observadas multiplicidades, sendo possível pensar nos universos para além da intersecção de gênero e raça. Não apenas nas construções sociais e espaciais por meio de histórias que não são contadas, como Adichie (2009) nos atenta, e sim também da perspectiva de mulheres, das negras e dos negros, de indígenas, das/dos LGBTI, das pessoas com deficiência, de ialorixás, babalorixás de qualquer avenida identitária e inter cruzando diferentes estruturas sistêmicas de poder.

Souza (2007) afirma que o espaço é o lócus da problemática que envolve os segmentos sociais e suas trajetórias, memórias sobre deslocamentos pelas cidades, das migrações, da vida no interior e na metrópole, dos locais de lazer e trabalho. Assim, para escutar as narrativas de Ella, Filomena, Maria e Sol, trabalhamos com a história de vida, utilizada por sociólogos, antropólogos e geógrafos do

¹ Visa pensar e denominar, a partir dos direitos humanos, como as opressões de raça e gênero interagem em conjunto na Vida de mulheres negras, em suas experiências e na formação de seus caminhos e de suas Vidas, criando desigualdades estruturantes. Gênero e raça não devem ser observados como experiências separadas na análise de Vida destas mulheres, pois para a autora não há limite entre onde começa ou termina o racismo e o sexismo, já que ambos agem de forma inseparável em suas trajetórias (CRENSHAW, 1989).

começo do século XX até a década de 1950. Esta metodologia foi reavivada posteriormente com a criação do gravador (QUEIROZ, 1983).

A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que ele considera significativos; através dela [da narrativa] se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global [...] que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence. (QUEIROZ, 1986, p. 6-7)

Destarte, a metodologia da história de vida é um mecanismo que possibilita apreender experiências das pessoas, analisando através de uma escala local, fenômenos que se repetem em maiores escalas.

Foram utilizados três procedimentos metodológicos a fim de compreender as trajetórias socioespaciais das professoras: (1) Questionário cujo objetivo foi tentar conhecer um pouco dos universos das professoras; (2) Entrevista semiestruturada, com o objetivo de escutar suas histórias de vida, trajetórias e caminhos; (3) Memorial acadêmico e autobiográfico escrito pelas próprias professoras, a fim de trazer suas escritas em primeira pessoa, as suas escrevivências (EVARISTO, 2017).

Neste artigo, porém, as narrativas de Ella, Filomena, Maria e Sol estarão presentes por meio de suas reflexões sobre o que é ser mulher negra e professora universitária, a partir de duas das perguntas realizadas nas entrevistas: (1) O que é ser mulher negra para você e para a construção da sua identidade? (2) Como é trabalhar na universidade sendo mulher negra?

Enquanto fonte de pesquisa, a narrativa possibilita o acesso às informações da investigação e, a partir das memórias, favorece uma reflexão sobre as trajetórias de formação pessoal e profissional, por meio das situações formativas experimentadas e narradas (PORTUGAL, 2013). Desta maneira, a história de vida possibilita apreender as experiências das pessoas.

Movimentos corporais e da respiração, bem como a entonação de voz, pausas e onomatopeias são elementos fundamentais para tentar captar a profundidade das emoções e reflexões que são realizadas no ato da fala. Muitas vezes, o silêncio e os suspiros podem ser mais didáticos do que frases inteiras. O corpo fala, os gestos e a corporeidade também são discursos, assim como as pausas, as sonoplastias, as mudanças nos tons de voz também se constituem como elementos importantes nas percepções durante as entrevistas (AZEVEDO, 2019).

A narrativa possui uma dimensão temporal que permite que, o sujeito ou sujeita que narra, faça projeções de si, pois a palavra é “uma representação do passado para o presente, sendo possível construir interpretações dos fatos biográficos narrados, conferindo uma interpretação das trajetórias inscritas no espaço, no tempo e nas experiências” (PORTUGAL, 2013, p. 40). Sendo assim, as trajetórias são grafias espaciais, realizadas a partir da corporeidade, da forma como os corpos se inscrevem e traçam seus caminhos pelo mundo.

Caminhos, percursos e encruzilhadas: Trajetórias Socioespaciais

Os estudos de gênero e das relações étnico-raciais refletem a urgência de se pensar as análises espaciais e sociais a partir destas relações e inquietações. As diferenças, transformadas cultural e socialmente em desigualdades, estão expressas e impressas cotidianamente no espaço geográfico, nos padrões culturais da sociedade brasileira e em sua formação socioterritorial.

Bairros (1995) explica que o gênero é utilizado para designar, por meio das relações sociais, papéis e padrões de comportamento pré-determinados de acordo com o sexo biológico e dos conceitos de homem e mulher. Portanto, segundo a autora, estas construções sociais são permeadas pela dominação masculina, constituindo hierarquias e se organizando nas relações sociais de gênero, reproduzindo estereótipos.

O uso de mulher como conceito traz implícito consigo a dimensão do sexo biológico e da construção social de gênero. A sua reinvenção utiliza de forma frequente os estereótipos que foram criados pela opressão patriarcal, como por exemplo, dizer que mulheres são passivas e emocionais, como forma

de lidar com os papéis de gênero. Assim, acaba-se por aceitar na prática a existência de uma natureza feminina e uma natureza masculina, naturalizando, dessa forma, as diferenças.

A partir daí, entende-se também a raça enquanto construção social e cultural. Para entender o espaço geográfico brasileiro, desde sua formação socioespacial, é necessário refletir acerca de questões estruturantes, como as diferenças de classe, o machismo, a escravização de indígenas e pessoas negras trazidas de forma forçada de diversas localidades da África para cá. O desdobramento destas questões é presente até hoje e estão nítidas no imaginário e na realidade social e cultural brasileira.

Segundo Munanga (2003), no século XVIII, a cor da pele foi considerada o critério fundamental para dividir a espécie humana em raças, e no século XIX, acrescentou-se outros critérios morfológicos: a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do crânio, como forma de “classificação”. Descobriu-se, porém, que algumas destas características eram na verdade influência do meio, e não de fatores raciais.

Ainda de acordo com o autor, ao construir relação entre características físicas hereditárias e qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais, criou-se também a suposta superioridade dos indivíduos da raça “branca” em relação aos das raças “amarela” e “negra”, legitimando por meio de um pretensu discurso de ciência, formas diversas de dominação, como a escravização e o racismo, a partir de padrões de poder e hierarquização racial que estruturam até hoje a sociedade.

A raça, hoje, também pode ser considerada uma categoria política. Abandonando o determinismo biológico e redimensionando o termo a partir de perspectivas políticas, a raça é um conceito relacional, constituído historicamente e culturalmente, a partir de relações concretas entre grupos sociais. A política do branqueamento e o mito da democracia racial também são fatores que levam a esconder a realidade racial brasileira, já que as classes sociais são formadas, no seu interior, por relações de poder entre diversos grupos sociais que se encontram em situações diferenciadas, principalmente, quando se observam aspectos relativos à gênero e à raça - permeadas por relações de poder e hierarquias (GOMES, 1995).

A partir de uma perspectiva interseccional de gênero e raça, também é possível se pensar sobre a análise espacial. Acredita-se neste trabalho que o espaço também é uma construção social, assim como são as relações de gênero e raça - uma vez que são reproduzidas socialmente e vividas por meio das experiências geográficas. É papel de a ciência geográfica investigar a forma que as relações sociais se manifestam no espaço (Ratts (2003), sendo este o locus das relações, das experiências e da coexistência de múltiplas histórias e trajetórias.

Massey (2008) nos convida a imaginar o espaço como simultaneidade de histórias-até-agora, e afirma que sua produção não é espontânea, e sim, parte de um processo contínuo e dinâmico: plural, aberto e relacional. As histórias, narrativas e trajetórias estão simultaneamente espacializadas, cada uma em seu espaço-tempo-locus social. Logo, o espaço é o produto de inter-relações, constituído por interações que possibilitam a existência de multiplicidades, onde diversas trajetórias coexistem.

O espaço está num constante processo de devir e não se encontra fechado em si mesmo - é aberto para as possibilidades, assim como a interseccionalidade: ambos fundem-se, mesclam-se, encruzilham-se, visto que o conceito de interseccionalidade remete a uma metáfora espacial, pensando na intersecção, cruzamento ou encruzilhada – que aqui se dá a partir da formação e identidade docente, da docência, das relações raciais e de gênero, da análise espacial e de outras identidades que interseccionam as Vidas das professoras. As construções identitárias pessoais e profissionais fundem-se a todo o momento nos processos de formação e Vida docente.

De fato, o mesmo nome da interseccionalidade se remete a uma metáfora espacial e as autoras têm se referido a rotatórias, cruzamentos e outros elementos com uma grande conotação geográfica para referir-se ao fato de que diferentes estruturas de poder nos atravessam ao mesmo tempo e em direções diferentes, causando opressões específicas. Mas, apesar das importantes conotações espaciais que implicam a interseccionalidade e ao amplo debate que se tem dado a nível feminista, a geografia têm prestado pouca atenção. (RODÓ-DE-ZARATÉ, 2014, p. 40, tradução livre)

O espaço enquanto produtor das relações sociais produz também as relações de gênero, classe e raça. Souza (2007) afirma que nas dimensões geográficas, a mulher não pode ser vista apenas como constituinte de um gênero, mas também de raça, religião, classe social.

As trajetórias são como posições ocupadas de forma sucessiva por um mesmo agente ou grupo em um espaço – onde ambos, sujeitos e espaço, estão em constantes mudanças e transformações, se inscrevem no tempo e espaço, de maneira não linear (BOURDIEU, 2006). Considera-se que o conceito de trajetórias socioespaciais é fundamental para tentar compreender o processo de Vidas-formação-profissão (PORTUGAL, 2013).

Segundo Cirqueira (2008), é importante não desvincular as trajetórias individuais do que acontece no coletivo, pois as histórias de vida não representam verdades únicas e absolutas. É partir do singular, da existência, que se conecta com o coletivo, sendo o espaço a referência de escala e de análise. O autor aponta ainda que é necessário compreender o lugar como espacialidade experimentada e significada na apropriação pelo corpo.

Outro entendimento é o de que as narrativas não possuem uma linearidade, sendo entrecruzadas com memórias sobrepostas: mais antigas, mais recentes, antiquíssimas – como se o caminho ao longo da trajetória fosse sendo criado, levando as narrativas a diferentes espaços-tempos-caminhos, fundindo trajetórias, histórias e espacialidades. Assim, ao observar e tentar compreender as experiências e trajetórias é necessário pensar no tempo-espaço que as atravessaram.

Nesta perspectiva, Portugal (2013) afirma que são os saberes construídos, as experiências vividas e compartilhadas durante a Vida e nos processos formativos, implicam na formação da identidade pessoal e docente. Assim, as trajetórias socioespaciais se dão a partir das experiências, das inscrições no espaço. A partir da escala do vivido pode-se compreender também as situações que ocorrem em maiores escalas, como as relações raciais e de gênero na sociedade e nas universidades públicas brasileiras.

CORPOS-GRÁFIAS: MULHERES NEGRAS NO MAGISTÉRIO

As narrativas de histórias de Ella, Filomena, Maria e Sol trazem brilhantes reflexões, ensinamentos e geografias – a partir das singulares histórias de mulheres negras que são múltiplas. Mas, infelizmente as desigualdades socioespaciais, raciais e de gênero estão presentes na sociedade brasileira e em diversos espaços, assim como, em suas Vidas. A sua normatização se dá nas mais variadas faces, como por exemplo, na educação.

Assim, ao observar a sociedade e sua distribuição no espaço geográfico, é possível perceber certos padrões culturais, que se fazem presentes nos cotidianos sociais, como o racismo e o machismo. Para tentar compreender a formação socioespacial brasileira é necessário refletir acerca destas questões estruturantes da nossa sociedade.

O espaço, enquanto produtor e reproduzidor das relações sociais, também se estrutura a partir das relações de gênero, raça e classe, e de suas desigualdades. Sendo assim, estas relações estão historicamente presentes na sociedade, distribuídas desigualmente pelo espaço geográfico - seja na esfera pública ou privada, tendo como exemplo, a divisão social, sexual e racial do trabalho.

Na análise realizada pelo Inep (2019) em relação à graduação presencial e a distância, os números de estudantes matriculados por raça/cor no total: branca 3.658.644, preta 613.199, parda 2.688.920, amarela 147.991, indígena 56.257, 1.444.458 não declaração (nd), 14.355 não dispõe da informação (ndi). Isto significa dizer que 42% branca, 7% preta, 31% parda, 1% amarela, 0,06% indígena, 17% nd, 0,01% ndi. A relação somada entre preta e parda são de 38%. As matrículas em cursos presenciais de acordo com o gênero são 2.723.445 homens e 3.430.115 mulheres no total.

Após análise prévia do Censo de Educação Superior (Inep) de 2017, foi possível constatar que esta divisão também se dá dentro do espaço da universidade pública brasileira, pois o número de professoras e professores em universidades públicas e particulares era 392.036 mil e desse total, 212.180 mil (54,1%) são homens. Já no âmbito das relações raciais é possível perceber diferenças discrepantes, pois 62.239 dos professores e professoras se autodeclararam pretas ou pardas – menos de 16% do total de docentes. Já 29,4% dos docentes se recusaram a declarar cor ou raça.

Em relação às mulheres negras, apenas 682 possuem título de doutorado e ocupam cargo de professora em tempo integral e com dedicação exclusiva em uma universidade pública brasileira. Já o número total de professoras e professores nas universidades públicas é de 179.542, sendo 98.472 (54,9%) de homens e 81.070 (41,5%) de mulheres.

Ou seja, as mulheres negras doutoras são menos de 0,4% do total de professores e menos de 0,9% do total de professoras em universidades públicas. Em contraponto, no ano de 2011, as mulheres que

se autodeclaravam pretas e pardas no Brasil representavam $\frac{1}{4}$ da população brasileira, aproximadamente 50,2 milhões de mulheres, segundo a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres (2014).

Já no âmbito da pós-graduação nas universidades públicas e privadas, também com base no Censo da Educação Superior, o número total de professoras e professores é de 53.995, porém as professoras doutoras negras representam 0,4% do corpo docente em todo o país. Somando mulheres que se autodeclararam pretas e pardas, o número de representação vai para menos de 3% segundo reportagem de Ferreira (2018) para a plataforma Gênero e Número. Já em relação às professoras que se autodeclararam brancas, estas somam cerca de 19% do percentual total. Os professores que se autodeclararam brancos somam 23%, enquanto pretos e pardos somam 10% e 44% não declararam raça.

Assim, pode-se concluir que o sujeito que se encontra em maioria dentro das universidades brasileiras são homens brancos e, em segundo lugar, mulheres brancas. Apesar da lei de cotas em concursos públicos (12.990/2014), sancionada pela ex-presidenta Dilma Rousseff em 2014, ainda há um longo caminho pela frente, ainda mais em relação aos concursos para professoras e professores de universidades públicas, que geralmente possuem apenas uma vaga em seus editais, sendo impossível, dessa forma, colocar a lei em vigor.

A docência nas universidades públicas brasileiras tem cor: branca. Após análise prévia destes dados, surgem inquietações: Por que a ausência de mulheres negras ocupando o magistério nas universidades públicas brasileiras? Como as relações de raciais e de gênero se dão nas graduações de Geografia das universidades públicas brasileiras? Quem são as professoras que trabalham com ensino de Geografia nas graduações em Geografia das universidades públicas brasileiras? Quais **são** suas trajetórias socioespaciais e de Vida?

A não-presença das mulheres negras em alguns espaços, públicos ou privados, reforçam a segregação racial sofridas por elas ao longo da história do Brasil. Ainda segundo os autores, alguns atores sociais são repelidos a territórios já demarcados para/por uma dita sociedade que reforça exclusão e suprime as diferenças de gênero, classe e raça (SOUZA; RATTTS, 2009).

Desse modo, para Gomes (1999), ser mulher negra no Brasil é um acúmulo de lutas, indignação e avanços, ao mesmo passo que é também um conflito constante entre negação e afirmação das origens étnico- raciais.

Ser mulher negra e professora apresenta-se como uma outra forma de ocupação do espaço público. Ocupar profissionalmente este espaço, que anteriormente era permitido só aos homens e aos brancos, significa muito mais do que uma simples inserção profissional. É um rompimento com um dos vários estereótipos criados sobre o negro brasileiro, ou seja, de que ele não é intelectualmente incapaz. (GOMES, 1999, p. 57)

A inserção de mulheres negras como professoras na educação formal tem relação direta com os processos de resistências negras e se desenvolveram de diversas formas ao longo da história do Brasil (FREITAS, 2017). Assim, a escolha do magistério para mulheres negras pode ser um rompimento histórico, bem como, uma possibilidade de ascensão social e reconhecimento (SOUZA; RATTTS, 2009).

A democratização da educação - fruto de lutas de movimentos sociais e da classe trabalhadora - fez parte de um processo de rompimento, rupturas e afirmações histórico-sociais de mulheres negras no campo educacional (GOMES, 1995). Assim, Maria reflete sobre o ser mulher negra e professora universitária:

Não é fácil porque a gente vai encontrar alguns obstáculos. Então ser mulher negra hoje é superação, quando você busca né? Tudo isso, alcançar seus objetivos, então você também busca superar e... Mas é uma luta que pra mim é tranquila hoje, eu te diria que eu amadureci, então ser mulher negra hoje, pra mim, é isso. É lutar, é correr atrás, é superar né, os momentos difíceis e não desistir. Correr, buscar, superar e não desistir. Pra mim isso é ser mulher negra hoje. É... No Brasil, por aqui, né, também. Mas não é fácil, a gente tem ainda que alcançar muitas coisas, mulheres né? Pra que a gente consiga vencer, e quando eu falo vencer não é ser melhor que o outro, é que a gente tenha equidade, que eu consiga partir do mesmo ponto que outras mulheres brancas pra tentar alcançar o objetivo, né? Isso é equidade. Então eu acho que ser mulher negra no Brasil hoje é continuar buscando essa equidade também. (MARIA, em entrevista, 2019).

Dessa forma, uma das discussões essenciais é em relação ao corpo e a corporeidade (SANTOS

1997, 2002). Segundo Santos (2002, p. 159) “a corporeidade implica dados objetivos, ainda que sua interpretação possa ser subjetiva; a individualidade inclui dados subjetivos, ainda que possa ser discutida objetivamente”. O corpo é visto a partir de estereótipos e estigmas, carregados e impregnados pela leitura social e cultural.

A corporeidade pode ser compreendida como a forma que corpos são lidos no espaço, ou seja, grafia corporal. Ao longo das entrevistas, as professoras trouxeram reflexões em relação aos seus lugares de fala enquanto mulheres negras e professoras universitárias, bem como, a leitura que a sociedade faz a partir de suas corporeidades:

Então é difícil desvincular, às vezes fico pensando: “Tá, eu tenho privilégios, do ponto de vista da minha condição como professora universitária, doutora”. Mas quando as pessoas me vêem, as pessoas em um contexto geral, elas não vêem essa pessoa aqui como essa que eu estou dizendo professora, doutora, universitária, classe média, né? Elas não me vêem, elas me lêem sempre como uma mulher negra periférica, subalternizada, e que de certa forma incomoda no lugar que está. Então eu ainda acho que a corporeidade da gente diz muito. E, às vezes, é preciso também falar sobre isso. (ELLA, em entrevista, 2019)

A percepção trazida por Ella vai ao encontro à discussão de Santos (1997) relacionada às cidadanias mutiladas, quando este traz a perspectiva da consciência de si, do coletivo e do mundo como sendo fundamental para a ciência dos direitos de cada um enquanto cidadão, como também, a capacidade de reivindicá-los. Há semelhanças em ambas as falas: Ella traz suas perspectivas relacionadas aos estudos de Santos (1997, 2002) sobre a corporeidade e as discussões étnico-raciais.

Mas ao mesmo tempo, eu também fui tentando entender que ser mulher negra também é ter uma diversidade, é ter especificidades, eu não posso falar por todas as mulheres negras porque a minha trajetória individual difere de outras. Então esse processo de, às vezes, a gente homogeneizar as dores, os afetos, as situações de conflito, pra mim também é perigoso. Porque por mais que eu seja uma mulher negra, eu reconheço também o meu lugar de privilégio, né? Hoje como uma professora universitária, classe média, e reconheço que pra mim, ser uma mulher negra hoje, tem elementos dos quais a minha mãe enquanto mulher negra na época dela, no espaço dela, no tempo dela não pôde ter, não pôde ser. Então acho que eu remeto a essa concepção de luta diária, né, também por um outro aspecto que eu não consigo desvincular assim, esteticamente falando, né? Eu acho que por mais que a gente fale academicamente sobre a questão racial, no ponto de vista estético também é algo que eu procuro sempre pensar, sabe? No sentido do que o Milton Santos dizia da nossa corporeidade, a forma que a gente é lida pela corporeidade, por aquilo que ela representa, aquilo que é o meu corpo no mundo. (ELLA, em entrevista, 2019)

Destarte, a partir das vivências de Santos (1997) e da professora, nota-se que mesmo possuindo instrução superior, ambos não possuem cidadania plena no país. O autor ressalta ainda que, o modelo cívico brasileiro (político e cultural) foi herdado da escravização e marcou o território, espíritos e as relações sociais do Brasil – desde a sua formação socioeconômica.

A professora Sol também trouxe em sua fala a corporeidade como elemento fundamental para se pensar as leituras que são feitas a partir da imagem das mulheres negras. A professora explicita que não é vista a partir da imagem de mulher ou negra, e sim, a partir de uma interseccionalidade:

Agora, não tem jeito, sabe? É... E como mulher negra é isso, eu acho que é resiliência, eu acho que todo dia uma questão diferente, sabe? Não tem jeito. O meu corpo fala, né? No supermercado teve um dia que eu cheguei – não agora, há muitos anos. Cheguei no supermercado, aí está. Na fila do caixa, aí uma moça, ela atendeu um rapaz. Eu estava na fila, ela se levantou e saiu. Que que eu fiz? Tem lá o papelzinho dos... Aí o rapaz que era empacotador, eu falei assim: “Ué, que estranho! Isso é comigo?” Ele falou assim: “É... engraçado né? Coisa mais... Coisa esquisita isso”. Ele achou estranho. Peguei o papelzinho e falei, fiz a denúncia. Ligaram para minha sala, mas ligaram por quê? Porque eu sou professora. Por que e se eu não fosse professora? [sonoplastia indicando que não]. Entendeu? E aí falaram que “não, essa pessoa já deu problema com outras pessoas e tal...” E eu falei “olha, eu só achei muito estranho, porque ela parou de atender exatamente no momento que eu cheguei”. E como tinha pouco tempo que eu estava [na cidade], ela não devia saber que eu era professora, porque também tem isso aqui na cidade. O dia que descobrem – porque eu não saio falando pra ninguém, que eu acho que eu tenho que ser aceita por eu... Todo mundo tem que ser bem atendido. Mas o dia que descobrem que você é professora a vida muda completamente, sabe? (SOL, em entrevista, 2019, grifo nosso)

O acontecimento no supermercado, relatado por Sol, demonstra o racismo sofrido por ser mulher negra, mas que muda de configuração ao momento que se descobre que ela é professora universitária - ocupando, assim, uma posição de poder na universidade.

Não esqueço um dia, uma manicure virou pra mim: “Que você fez pra entrar lá?”. Eu falei assim: “Estudando muito”. [risos]. “Estudando muito e ralando pra caramba”. Sabe? Branca. Mas assim... Como assim? E é engraçado que as pessoas não entendem como que é o processo né? Gente eu sou de uma família de proletários, meus pais são agricultores, meu pai era, ele já faleceu. Sabe? Gente pobre. Viemos pra cidade em situação precária, mas é como se você estivesse tomando o lugar de alguém. E isso é... É por isso que eu falo que é resiliência e é todo dia uma coisa. É uma batalha, uma luta nova, é... [pausa]. (SOL, em entrevista, 2019)

Ao mesmo tempo, como na fala de Ella, o fato dela ser professora não muda a leitura inicial – racista – feita a partir de sua corporeidade, da mesma maneira, a professora Maria, em uma situação relatada durante a entrevista. Ao ser perguntada se existia machismo e racismo na universidade, esta contou um dos casos que sofreu dentro de sala de aula, no primeiro dia de aula como professora substituta na UFT:

Eu cheguei na sala, em 2006, pela primeira vez né? Substituta. Cheguei na sala, com material, os alunos estavam conversando, conversando eles continuaram, por quê? Porque acharam que eu era uma colega. Primeiro que olha para a cara e parece que é novinha, mas não é. E também eu acho pela situação de mulher negra. Porque não... É... [pausa] A turma achava que eu era uma colega, até que virei e falei: “Olha, eu sou a professora, cheguei, estou aqui, vamos lá...”. E todo mundo olhou assim: “Professora?”. Como professora? Foi a primeira. E depois com o tempo não, nossa relação foi mudando. Mas, mesmo assim, hoje eu percebo que a universidade apresenta esses ranços de racismo entre alunos, entre cursos diferentes, alunos de cursos diferentes, ela está presente. Então tanto o racismo quanto o machismo, eles se fazem presentes. (MARIA, em entrevista, 2019).

Assim, “o corpo é um elemento central da representação social da raça e do gênero que, geralmente, produz uma percepção estereotipada e calcada numa cisão entre superioridade e inferioridade” (SOUZA, 2007, p. 27). Dessa forma, numa sociedade racista e machista como a brasileira, o que representa mulheres negras que ocupem espaços como professoras universitárias, principalmente, no aspecto da representação de suas corporeidades nestes locais?

A professora Filomena falou um pouco desta questão: “Então, acho que é aí que você começa a sentir também... Dar outros sentidos, na necessidade da sua presença em determinados lugares, e de você, sim, se fazer presente. De você mostrar que sim, a pessoa pode chegar até lá.” (FILOMENA, em entrevista, 2018).

[...] ser negra no Brasil é conquistar espaço, conquistar lugares, porque a gente ainda não tem lugares, ainda não temos constituição de espaços dentro do Brasil, então acho que isso acabou me transformando. Não só na minha construção, como ainda estamos nos construindo, porque a gente ainda está galgando espaços dentro de uma sociedade que prefere o branco, que prefere o homem, e aí tem uma dimensão do que é ser mulher também. (FILOMENA, em entrevista, 2018)

O espaço não existe antes de identidades/entidades, suas relações e sem os corpos. “Se as identidades, tanto as especificamente espaciais quanto as outras, são, de fato, construídas relacionalmente, então isto coloca a questão da geografia dessas relações de construção” (MASSEY, 2008, p. 31). O corpo e a corporeidade são fundamentais no caráter interseccional deste artigo. Pode-se pensar no corpo-grafia, pois as pessoas são lidas a partir de seus corpos e grafam, por meio de suas vivências e deslocamentos pelo espaço, suas trajetórias socioespaciais - a forma que os corpos se inscrevem e são inscritos no mundo.

Uma das perguntas realizadas nas entrevistas foi **a seguinte**: “O que é ser mulher negra para você e para a construção da sua identidade?”. Maria trouxe suas reflexões sobre o que é, para ela, ser mulher negra, brasileira e professora universitária:

Olha, eu acho que é tudo, porque ser mulher negra no Brasil e professora, né? É ser uma pessoa que luta, em constante movimento, é ser uma pessoa que está sempre buscando realizar os seus desejos buscando alcançar seus objetivos, mas sempre consciente de que não é fácil. (MARIA, em entrevista, 2019).

Gomes (2003) afirma que entre as múltiplas identidades sociais que negras e negros constroem, a identidade negra é uma delas. Segundo a autora, o termo “negro/a” é carregado de lembranças e lutas na construção da identidade, remetendo a sujeitos sociais e históricos, a diversidades raciais e culturais.

Desta forma, em contraponto sobre o que é ser mulher negra, a partir de suas próprias visões, Werneck (2010) afirma que estas, enquanto sujeitas identitárias e políticas, são como resultado de articulações de heterogeneidades com diferentes histórias, do ponto de vista histórico, político, cultural e, outros que acabam enfrentando o domínio de concepções eurocêntrico ocidental ao longo do tempo de escravidão e da expropriação colonial.

A autora aponta para as singularidades, as diversidades do que é ser mulher negra, a partir de suas diferentes temporalidades, visões de mundo, experiências, formas de representação – ou seja, de suas interseccionalidades. Souza e Ratts (2017) afirmam que as lutas das mulheres negras contra as opressões de gênero e raça desenham novos contornos para as ações políticas feministas e antirracistas, e desta forma, enriquecem as discussões da questão racial e da questão de gênero na sociedade brasileira.

Estas discussões, para os autores, requerem a criação de representações positivas sobre o que é ser mulher negra, apesar de todas as condições subumanas e violências a que foram submetidas ao longo da história do país.

A partir da autodefinição de suas vivências, espacialidades e temporalidades, as professoras discutiram durante as entrevistas o que é, para cada uma delas, ser mulher negra. Uma das perspectivas fundamentais para a professora Ella é o autoreconhecimento:

[Pausa] O que é ser mulher negra... Para mim é sinônimo de luta, porque o tempo todo, a gente precisa se autoreconhecer. Você precisa travar uma luta interna, acima de tudo, porque a gente sabe da forma que o racismo impera na nossa sociedade, como nós acabamos, somos vitimados né, eu digo negros e brancos são atingidos de formas diferentes pelo mecanismo do racismo, mas dá pra perceber, como mulher negra, eu vi infelizmente essa hierarquização social, o fato de estar na base da pirâmide, de ver que o grupo social do qual eu pertencço é... Ganha os piores salários, também passa por situações de racismo, discriminação, violência doméstica e violência simbólica de uma forma muito mais contundente, mais pungente do que outros grupos sociais. (ELLA, em entrevista, 2019)

Ella falou de quatro perspectivas: Certa resistência na geografia para se fazer as discussões sobre corpo, corporeidade e diferença; da corporeidade e do lugar de fala; e da luta e resistência das mulheres negras, no reconhecimento de suas identidades, muitas vezes apagadas ou deturpadas.

E parece que na universidade a gente ainda não tem muito espaço, a geografia em geral ainda não dá muito espaço de a gente discutir corpo e diferença, pensar como nós somos julgados a partir da nossa corporeidade. Então ser mulher negra é também, o tempo todo, ser julgada por essa corporeidade, por essa estética aqui, por essa aparência. Tanto no sentido às vezes positivo quanto negativo. Acho que mais negativo do que positivo. Para mim ser mulher negra é isso. É luta, é resistência, e é também reflexão sobre o seu lugar de fala, o lugar que ocupa, mas não entendendo que eu preciso construir sempre um discurso vitimizante, eu acho que não é por aí, porque de certa forma reconhecendo os privilégios que eu já tenho, e os que consegui ter, são uma forma de quebra também com essa leitura vitimizante sobre a mulher negra. (ELLA, em entrevista, 2019)

Souza (1983) afirma que há um movimento de renúncia e negação da identidade negra – sendo este, inclusive, um projeto de país e nação, a partir do embranquecimento e do mito da democracia racial. Outra perspectiva trazida por Ella é o fato de as mulheres negras estarem na base da pirâmide social, com os piores salários, pouco acesso à universidade, passando por situações de racismo e mais expostas à violência doméstica.

Assim como a Ella, Filomena também abordou a questão do corpo, a leitura que as pessoas fazem a partir de sua corporeidade como formadora de sua identidade, como ela própria diz na frase “e isso formou minha identidade justamente por causa desses espaços onde eu teoricamente não estaria”.

Uma outra dimensão, porque também é não desistir dos espaços, uma vez que a mulher branca, por exemplo, eu via muito mais mulheres brancas na escola até do que homens também, essa questão da professora, da profissão. Se eu for ver a universidade, na faculdade de educação, tive mais professoras mulheres, e na geografia a maioria das minhas professoras foram mulheres brancas, então até nesse sentido eu comecei a perceber – inclusive a gente está falando de identidade, mas também está falando de representação, porque a gente também constitui uma representação dentro da nossa identidade – então acho que isso foi bem importante, bem marcante. Dentro da representação, eu também tenho representação porque é uma coisa junta, não dá pra discutir identidade e não pensar que nós também representamos uma determinada classe, então, esse processo é contínuo na nossa identidade, por conta dessa relação de luta, lutar por uma [pausa] representação da mulher negra dentro dos espaços que ela também precisa estar [pausa]. (FILOMENA, em entrevista, 2018)

Por meio de um viés de análise interseccional, e a partir da escuta das diferentes histórias de vida, questiona-se, por exemplo, para quem o espaço geográfico é construído, e quem ocupa determinados tipos de locais.

Nossa... É batalha, sabe? Na defesa da semana passada [em referência a uma banca de mestrado que a professora havia participado] a menina falou de resistência, mas eu acho que não é resistência, é resiliência. Porque é uma batalha todo dia. Todo dia. É uma batalha como professora, porque, gente, tem sempre muitas histórias. (SOL, em entrevista, 2019)

As falas das professoras possuíram os mesmos fios condutores: luta, batalha, resistência e resiliência. Em alguns aspectos, uma fala complementava a outra. Outras perguntas realizadas na entrevista foram: como é trabalhar na universidade sendo mulher negra?

Ai... [suspiro]. Eu acho que é uma conquista. Hoje vejo como uma conquista, contra toda adversidade, tudo que era contra, eu acho que é... É uma conquista, com certeza. Quando eu olho assim, como falei para você, vários colegas que no vestibular ficaram melhor classificados que eu e... Eu acho que hoje estou numa situação privilegiada, com certeza. É uma situação privilegiada. Nem sei como que eu cheguei aqui, sabe? [risos]. Eu falo assim, eu nunca projetei isso, entende? Porque tem pessoas que projetam, é a meta. (SOL, em entrevista, 2019)

Sol relata a conquista de chegar aonde chegou, bem como, estar hoje em uma posição de privilégio - ser professora universitária – algo discutido, também, pela professora Ella durante alguns pontos de sua entrevista. Entretanto, apesar de relatos em comum nas suas trajetórias, existem os pontos que divergem. Enquanto Sol não tinha como meta ser professora universitária, Ella já traz a questão dos objetivos traçados em sua Vida:

É... [pausa] É bom, assim, a sensação de certa forma de uma vitória, por conta da trajetória que eu tive, de todos os objetivos que tracei na Vida, então eu reconheço que consegui alcançar grande parte desses objetivos ao me tornar uma pesquisadora, ao conseguir fazer as pós-graduações que almejei, então eu reconheço que pra mim, é uma vitória muito grande. Eu reconheço que eu consegui alcançar as minhas metas profissionais, aquilo que eu esperava, desejei. Mas ao mesmo tempo traz certo desconforto ao perceber que você é a única ali, mulher, negra, na universidade, a única no seu campus. Então isso é algo que me deixa extremamente desconfortável, que me faz ter uma leitura de privilégio também, no grupo social eu tive oportunidades e outras não tiveram, outras não têm, e pra que eu estivesse aqui eu sei que foi necessário que a minha família fizesse sacrifícios também [pausa]. A minha estada aqui na universidade [pausa] tem a ver também com sacrifícios de uma galera que não pôde estar, a começar pela minha família, pelos meus pais, pelas minhas irmãs que só puderam acessar depois. (ELLA, em entrevista, 2019)

A ascensão profissional aparece na fala de Ella. A professora também faz a reflexão relacionada à importância de se enxergar enquanto mulher negra dentro da universidade, a partir do aspecto da corporeidade – indo além de serem mentes, cérebros trabalhando e fazendo suas pesquisas, pensando na interseccionalidade das relações de gênero e raça dentro do espaço acadêmico.

Um dos desafios para a professora é fazer as discussões relacionadas a raça e gênero com colegas de trabalho, ou seja, por meio da coletividade de professoras negras. Ella acredita nas mudanças, e

Maria afirma as mudanças que ela própria vivenciou e ao longo de seus anos de formação e de trabalho na universidade:

Ai [suspiro] respira fundo! [risos]. Eu acho que já foi mais difícil, nós já tivemos muitos enfrentamentos, mas ainda continuam. Então, trabalhar na universidade sendo mulher negra, e lutando pelos seus direitos é um enfrentamento constante. Porque você encontra não só colegas, mas os próprios alunos também com essa resistência ao combate, né? E não vai para o enfrentamento com você por achar que a causa não tem sentido, de se falar, de ser mulher, de ser negra. Então, eu acho que trabalhar na universidade sendo mulher e negra é um enfrentamento diário, é um enfrentamento constante, seja com colegas, seja com os alunos. Eu diria que tem aqueles que realmente não aceitam, não admitem, e tem aqueles alunos que não, que vão para a briga com você – a briga que eu falo é no sentido teórico, no sentido, lógico, das discussões, de mostrar, falo briga nesse sentido. Então ser mulher negra e trabalhar na universidade é um enfrentamento diário, é um enfrentamento constante das diversas situações, seja do machismo, do racismo, do preconceito, então a gente... É enfrentamento diário. (MARIA, em entrevista, 2019)

As expressões corporais e da fala não podem passar despercebidas. Sol e Maria começaram a responder à pergunta da mesma forma: “Ai [suspiro]”. A entonação, que infelizmente não pode ser captada aqui neste papel, demonstra um misto de conquista e dificuldade, bem como, a compreensão da importância de suas presenças neste espaço. Maria aponta para o enfrentamento diário, em relação ao racismo e ao machismo – desde sua corporeidade até a relevância das discussões na universidade. Neste ponto, Filomena afirma:

Nas minhas aulas, busco falar sobre isso, mostrar sobre essa relação. Eu acho que essa discussão ainda está sendo feita, construída. É uma discussão “nova”, muito por conta de dados que ainda estão sendo gerados. Ano passado, com os dados provando que são 300 e poucas mulheres negras ou pardas que estão no ensino superior, na pós-graduação, isso chamou atenção, então a gente consegue ter um diálogo maior que provam realmente que nós não estamos lá. Se você pegar de uma maneira geral, pela coloridade, porque às vezes as pessoas se denominam enquanto negras, mas também tem que ser feita essa relação com a coloridade, mesmo se autodeclarando ainda é pouco, muito pouco. Eu acho que é um pouco isso, os dados nos ajudam a começar a fazer mais uma discussão, e dentro da minha instituição como tem grupo de estudo, como tem um número de mulheres negras maior, no meu departamento sou eu e a Lia, pela coloridade, então somos duas no mesmo departamento, aí você tem o departamento de educação que tem mulheres negras, a biologia, história e matemática acho que não têm. Ainda é um processo que a gente está galgando, acho que precisa de muitos debates e muitas discussões. (FILOMENA, em entrevista, 2018)

Mais uma vez há no discurso a importância de suas presenças neste espaço, e que um dos caminhos para a mudança, são os debates e discussões, ou seja – a educação. Assim, a partir das metodologias da história de vida e das interseccionalidades, e por meio de suas trajetórias socioespaciais, se deu a possibilidade de tentar compreender como as professoras vivenciam o espaço das universidades públicas brasileiras, tal qual suas concepções sobre o mesmo.

Este artigo não possui a pretensão de encerrar, em si, estas trajetórias tão diversas – bem como, as discussões sobre as espacialidades das relações de gênero e raça nas universidades públicas brasileiras. O espaço está na escala das possibilidades, e as trajetórias e falas das professoras continuam grafando e se inscrevendo no tempo-espaço, estilizando as máscaras da sociedade racista e machista.

Caminhos...

Agradecemos à Ella, Filomena, Maria e Sol por abrirem seus corações ao contarem um pouco de suas histórias e trajetórias, por tantos aprendizados, e pela possibilidade de conhecer um pouco dos universos destas mulheres tão incríveis.

Portanto, por meio das metodologias da interseccionalidade e da história de vida foi possível refletir sobre as trajetórias socioespaciais das quatro professoras negras que lecionam o ensino de geografia nos departamentos de geografia das universidades públicas brasileiras. As trajetórias não são

lineares, também são múltiplas e contínuas, e desta forma, enquanto esta pesquisa estava sendo escrita, Ella, Filomena, Maria e Sol já viveram novas histórias e experiências pelo espaço.

Trazendo novamente as reflexões de Ratts (2003), é possível não obliterar suas vozes e objetificar suas narrativas? Por este motivo, foi feita a opção de não trazer comentários sobre suas falas, visto que o objetivo não é fazer uma análise do que foi dito. Optamos, assim, por trazer a suas falas na íntegra. Também foi feita a opção de se manter no foco das perguntas mais abertas, para não interromper as falas de Ella, Filomena, Maria e Sol, priorizando a escuta e as memórias que viessem à tona em seus relatos, bem como seus sentires e viveres.

Várias interseccionalidades surgiram durante as entrevistas – a partir da classe social, geração, religião, região e tantas outras infinidades de intersecções que surgiram nas falas das professoras – mostrando como este conceito não é fechado em si mesmo, assim como, o espaço e as histórias de vida.

Histórias estas que, cada uma, em um canto do país, se apresentou de maneira muito semelhante – apesar de possuírem diferentes trajetórias, de virem de diferentes gerações, cidades, regiões, famílias, universidades, costumes e vivências. As suas narrativas mostraram, e mostram, diariamente, em sala de aula – em suas corporeidades – a importância e os desafios para a sociedade, para que mais Ellas, Filomenas, Marias e Sóis estejam ocupando estes espaços enquanto professoras doutoras universitárias.

As considerações aqui feitas não buscam finalizar as discussões e os debates, ainda mais pelo fato de a pesquisa trazer em boa parte de sua dimensão, histórias e caminhos de mulheres que escrevem, cotidianamente, no espaço, suas histórias. O que elas têm em comum? O que as difere?

São mulheres negras trabalhadoras, professoras, doutoras, que militam e acreditam em uma educação pública, gratuita e de qualidade – e que transformam essa educação diariamente, a partir de suas mentes, almas, corações e corporeidades. São mulheres múltiplas e diferentes, e é a partir do olhar da interseccionalidade, que esta ideia de universalidade da mulher vai se quebrando e desconstruindo.

Ao mesmo tempo, suas vivências confluem em certos pontos, se cruzam e se conectam e são parecidas, pois ambas carregam em comum o gênero e a raça como marcadores sociais. São, nas similaridades que atravessam suas particularidades, quatro mulheres negras conquistando espaços, buscando avanços, ainda sendo a exceção à regra em um país tão racista, machista e desigual. Suas falas mostram a importância da autodefinição, do reconhecimento e dos debates relacionados ao gênero, a raça e suas interseccionalidades.

As mulheres negras ainda não estão presentes de forma massiva neste espaço. Assim, a universidade pública brasileira ainda é, majoritariamente, um lugar branco e masculino. Não apenas a universidade, mas também o destaque na produção de pensamento científico.

As ausências têm muito a dizer, neste caso, expressas na subrepresentatividade de mulheres negras nos cursos de graduação e pós-graduação das universidades públicas brasileiras. Ao mesmo passo que, nos últimos anos, a universidade tenha tornando-se um pouco menos elitista, não é difícil ver manchetes de jornais ou textos viralizando no *Facebook* com casos de alunos e alunas sofrendo racismo, a evasão de estudantes que não possuem meios financeiros para se manter nos cursos, alunos trabalhadores e alunas trabalhadoras que se deparam com a dificuldade de conciliar trabalho e estudos, mulheres que tentam conciliar a maternidade (muitas vezes solitária) com a faculdade.

Desta maneira, refletir que todas estas questões acontecem ainda hoje, diariamente, explicam muito do porquê apenas 682 mulheres negras são doutoras e professoras de universidades públicas e porque a academia ainda está tão longe de “se pintar de povo”.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Ella, Filomena, Maria e Sol por terem aberto seus corações, memórias e disponibilizado seus tempos para darem Vida à esta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Assim, agradecemos à CAPES pelos recursos recebidos nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda. **The danger of a single story**. TEDGlobal, 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt> Acesso em: 15 jul. 2018.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- AZEVEDO, Luyanne. **As trajetórias socioespaciais de professoras negras do ensino de geografia das universidades públicas brasileiras**. 2019. 230 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2019.
- BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462>>
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, São Paulo, USP, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008> Acesso em: 20 set. 2018. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>
- CHICO CÉSAR. **Estado de Poesia**. Alambari: Gargolândia, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=krgPPze689Y>> Acesso em 16 de abril de 2019.
- CIRQUEIRA, Diogo. **Trajetoórias socioespaciais de estudantes negras e negros da Universidade Federal de Goiás**. 2008. 77 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- COLLINS, Patricia Hill. Comment on Hekman's "Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited: Where's the Power?" **Signs: Journal of women in culture and society**, v. 22, n. 2, p. 375-381, winter 1997. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3175278?seq=1>> Acesso em: 20 jun. 2018. <https://doi.org/10.1086/495162>
- CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, iss. 1, article 8, p. 139-167, 1989. Disponível em: <<https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>> Acesso em: 20 jun. 2018. <https://doi.org/10.4324/9780429500480-5>
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FERREIRA, Lola. **Menos de 3% entre docentes da pós-graduação, doutoras negras desafiam racismo na academia**. Gênero e Número, 20 de junho de 2018. Disponível em <<http://www.generonumero.media/menos-de-3-entre-docentes-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/>> Acesso em 20 de junho de 2018.
- FREITAS, Tais. **Mulheres negras na educação brasileira**. Curitiba: Appris, 2017.
- GOMES, Nilma. **A mulher negra que vi de perto: O processo de construção da identidade racial de professoras negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- _____. Professoras Negras: Trajetória escolar e identidade. **Caderno CESPUC de Pesquisa**, Belo Horizonte, n. 5, p. 55-62, abr.1999. Disponível em:<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14988>> Acesso em: 20 jun. 2018.
- GONZÁLEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel. **O lugar da mulher: Estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.p. 89-106.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs, 1984, p. 223-244.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. (INEP). **Censo da Educação Superior 2017**: notas estatísticas. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. (INEP). **Sinopse Estatística da Educação Superior 2019**. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma Nova Política de Espacialidade**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOHANTY, Chandra. “Bajo los ojos de occidente: Academia Feminista y discurso colonial”. In: NAZAZ, Liliana; CASTILLO, Rosalva. (Orgs.). **Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes**. Madrid: Ed. Cáteatra, 2008. p. 112-161.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB**, III, 2003, Rio de Janeiro. *Anais*, 2003.

PORTUGAL, Jussara. “**Quem é da roça é formiga!**”: **Histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais**. 2013. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo, CERU e FFLCH/USP, 1983.

_____. “Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’”. Comunicação apresentada na **38ª Reunião anual da sociedade brasileira para o progresso da ciência**, Curitiba-PR, 1986, p. 1-26. Disponível em <www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=3825&Itemid=170> Acesso em: 10 nov. 2018.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1995.

RATTS, Alex. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. Comunicação apresentada no **XX Encontro Nacional da ANPOCS**, Caxambu-MG, out. 2003.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas. In: GERNER, Júlio (Org.). **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997, p. 133-144.

_____. Ser negro no Brasil hoje. In: SANTOS, Milton. **O país distorcido: O Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002, p.157-161.

RODÓ-DE-ZARATÉ, Maria. Interseccionalidad y malestares por opresión a través de los Mapas de Relieves de la Experiencia. In: SILVA, Maria das Graças; SILVA, Joseli Maria. (Org.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2014. p. 39-56.

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA MULHERES. **Dados**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2014. Disponível em <<http://www.spm.gov.br/assuntos/diversidade-das-mulheres/negras/dados>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SOUZA, Lorena de. **Corpos negros femininos em movimento: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas**. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de estudos sócio-ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SOUZA, Lorena de; RATTS, Alex. Espaço, cultura e poder: Gênero e raça em análise na geografia. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 107-120, abr., 2009. Disponível em

<<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/6257>> Acesso em: 20 nov. 2018.
<https://doi.org/10.5216/ag.v3i1.6257>

_____. Escritas e inscrições de geógrafas negras. In: SILVA, Joseli Maria (et al). **Diálogos Ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades**. Ponta Grossa: Toda Palavra editora, 2017, p.151-166.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da ABPN**, v. 1, n. 1, mar-jun, p. 08-17, 2010. Disponível em <<http://books.openedition.org/iheid/pdf/6316>> Acesso em: 20 jun. 2018.

Recebido em: 16/01/2021

Aceito para publicação em: 22/12/2021